

DESAFIO À NOSSA CAPACIDADE DE REALIZAÇÃO E ESPÍRITO DE INICIATIVA

CHISSANO 861231

N. 1/1/87

— Presidente Joaquim Chissano dirigindo-se ontem à Nação moçambicana na mensagem da quadra festiva

O Presidente do Partido Frelimo e Presidente da República Popular de Moçambique, Joaquim Alberto Chissano, dirigiu ontem à Nação uma mensagem do Ano Novo. Publicamos a seguir, na íntegra, o texto da referida mensagem que foi transmitida pela Rádio Moçambique, em cadeia nacional, e pela Televisão Experimental:

Moçambicanos,
Moçambicanos,

O ano que hoje termina foi marcado pelo desaparecimento físico do nosso querido Presidente Samora Moisés Machel, tragédia que enlutou a Nação e mergulhou o nosso povo na mais profunda dor.

Perdemos o nosso dirigente, o nosso guia, aquele cuja palavra vibrante e esclarecida nos indicava o caminho correcto, nos empolgava para o combate.

Perdemos aquele cuja acção, exemplo e vida constituíram, e sempre constituirão, um modelo e uma fonte de inspiração para todos os moçambicanos.

As cerimónias fúnebres do Presidente Samora Moisés Machel foram a demonstração eloquente do profundo carinho e amor que o povo dedicava ao seu dirigente máximo; e foram, também, a afirmação de sua inabalável resolução de, transformando a dor em novas forças, prosseguir a luta até à vitória final.

Foram, ainda, a manifestação viva do respeito e do prestígio que o Presidente Samora Moisés Machel e a República Popular de Moçambique usufruíram em todo o mundo.

O nosso Povo, o nosso Partido, o nosso Estado emergiram desta enorme tragédia mais coesos e determinados a fazerem triunfar os ideais nobres que eram os de Samora e que vivem no coração de cada moçambicano.

Compatriotas,

As Segundas Eleições Gerais constituíram o acontecimento político mais importante deste ano.

A entusiástica participação popular, a consciência e o rigor que caracterizaram todas as fases do processo eleitoral, a abertura e a profundidade com que foram debatidos os proble-

mas do País, fizeram das Segundas Eleições Gerais um momento alto do exercício da democracia e de consolidação da unidade nacional.

Estamos certos de que elas serão um marco histórico na construção do nosso Estado popular e democrático.

Mil novecentos e oitenta e seis foi um ano em que demos, também, importantes passos no ajustamento da organização do Estado às realidades e necessidades do momento actual.

Como resultado da reflexão feita pela 5.ª Sessão do Comité Central do Partido Frelimo, foi criado o cargo de Primeiro-Ministro e tomada a decisão de eleger um Presidente da Assembleia Popular, a qual deve concretizar-se na primeira sessão daquele órgão legislativo.

Apesar da situação difícil que neste ano continuamos a viver, constatou-se uma grande actividade política e social, no âmbito das organizações democráticas de massas e sócio-profissionais.

Intensificou-se a participação da juventude e das mulheres nas tarefas principais da fase presente: o combate ao banditismo armado e a luta contra a fome e a nudez.

Os trabalhadores prosseguiram o processo de formação dos sindicatos, instrumentos de organização das classes trabalhadoras na guerra prolongada contra o subdesenvolvimento.

Os nossos continuadores estão hoje, em número crescente, enquadrados pela sua organização, no seio da qual encontram melhores condições para desenvolverem a sua personalidade e iniciativa criadora.

Os professores, os jornalistas, os artistas plásticos, os músicos e outros grupos sócio-profissionais deram passos importantes no sentido de melhorarem as suas formas de organização e assim contribuírem mais efectivamente para a realização dos grandes objectivos nacionais.

Compatriotas,

O nosso povo continua a confrontar-se com uma permanente agressão externa, que se intensificou nos últimos meses.

O regime sul-africano persiste em utilizar o banditismo armado como o instrumento de agressão ao nosso País.

Os seus objectivos permanecem os mesmos: destruir a organização da vida no campo, onde se encontra a base fundamental da nossa economia, paralisar o funcionamento dos circuitos económicos e das vias de comunicação vitais para Moçambique e para os países interiores da nossa região.

Mantiveram-se os métodos terroristas: os massacres, os assassinatos, as mutilações, o saque dos bens da população, a sabotagem e destruição de infra-estruturas económicas e sociais.

A maior tragédia humana que o nosso povo vive é a das centenas de milhares de desalojados, homens, mulheres e crianças, que são forçados pelas acções criminosas dos bandidos armados a abandonarem os locais onde vivem e produzem.

Mais do que a seca, que tem continuado a assolar o nosso País, o terrorismo é o principal responsável pela fome.

Os desalojados, que se refugiam noutras zonas do País ou em países vizinhos, perdem os meios da sua própria subsistência.

A produção agrícola, que no nosso País é maioritariamente familiar, sofreu assim um acentuado declínio. Sintomaticamente nas zonas menos afectadas pelo banditismo armado, ela cresceu.

Sublinhamos a importância de que se revestiu, neste contexto, o apoio internacional ao nosso País, em particular a ajuda alimentar às populações deslocadas e às afectadas pela seca.

Devemos registar que o apoio internacional não se limitou à ajuda alimentar. O apoio foi multiforme e abrangeu diversos sectores económicos e sociais.

Isto traz uma melhor compreensão, por parte da comunidade internacional, da natureza dos problemas que a África Austral enfrenta.

Compatriotas,

Tornou-se mais claro para o mundo que a agressão ao nosso País é parte de um plano mais vasto de agressão sul-africana aos países livres da nossa zona.

Tornou-se evidente para a comunidade internacional a natureza do con-

flicto na África Austral que opõe os povos da região ao sistema do «apartheid».

Esta compreensão levou a um mais acentuado isolamento internacional do regime racista da Pretória.

Em 1986 reforçou-se a unidade no plano regional e intensificou-se a cooperação nos diversos domínios entre os países da nossa zona, no âmbito da Linha da Frente e da SADCC.

Os nossos Estados e povos demonstraram o seu firme engajamento na erradicação do colonialismo e do racismo, na construção em comum da sua independência económica e na

das devem garantir a produção para que a economia possa alimentar o esforço da guerra.

O trabalho a efectuar na frente militar e na frente económica decidirá o futuro e o bem-estar das gerações vindouras.

Por isso, os sacrifícios não são demasiados, porque estão em causa a soberania, o progresso e a paz na região.

Na frente da produção a tónica continuará a ser dada ao sector agrário e, dentro deste, ao sector familiar.

A recuperação económica tem de começar no campo, pois é daí que

De um modo geral a nossa política económica e financeira terá de ajustar-se à realidade do País e da região. Não podemos continuar a ignorar os graves desequilíbrios e distorções que afectam a nossa economia.

Vamos fazer esforços no sentido de diminuir o peso dos mecanismos burocráticos de forma a permitir um maior dinamismo da actividade produtiva.

A alteração dos métodos de gestão deverá permitir que os mais dedicados, os que mais trabalham sejam premiados e que os mais qualificados sejam devidamente valorizados.

Moçambicanos,
Moçambicanos,

No limiar de um novo ano, o nosso pensamento está com os milhares de moçambicanos — homens, mulheres, velhos, crianças — que, em resultado da agressão terrorista, perderam os seus lares, os seus bens e são forçados a procurar abrigo em campos de desalojados.

Estamos com aquelas populações que, em zonas de guerra, diariamente ameaçadas pelo inimigo, com o risco constante das próprias vidas, persistem no esforço de produção, mantendo a machamba, reorganizando a cooperativa, defendendo a escola e o hospital, reconstruindo as suas aldeias.

Estamos também com os heróicos combatentes das Forças Armadas de Moçambique (FPLM) que não se poupando a sacrifícios, muitas vezes em deficientes condições logísticas, combatem corajosamente o inimigo e frustram todas as tentativas de destruir a nossa independência e soberania.

A nossa saudação fraternal estende-se igualmente a todo o Povo trabalhador — aos camponeses, operários, artesãos, funcionários, técnicos, artistas, desportistas — que, nas respectivas áreas de actividade, dão um contributo valioso para o desenvolvimento e prestígio da Pátria moçambicana.

As mulheres, aos jovens, aos estudantes, aos continuadores da nossa Revolução, desejamos que o novo ano traga a realização de todos os seus projectos e anseios.

Não esqueçamos os trabalhadores e técnicos estrangeiros, os cooperantes, os internacionalistas que ombro a ombro com os moçambicanos trabalham para o progresso de todos nós. Para eles vai a nossa saudação calorosa.

Nesta noite de fim-do-ano sabemos que milhares de moçambicanos radicados ou ausentes no estrangeiro, embora longe da Pátria, estão também conosco no desejo intenso de que 1987 traga ao nosso País vitórias significativas no caminho da paz, do progresso e do bem-estar.

Compatriotas,

Mil novecentos e oitenta e sete, ano do 25.º aniversário da Frente de Libertação de Moçambique e 10.º aniversário do Partido Frelimo, será um ano de trabalho árduo, de desafio à nossa capacidade de realização e espírito de iniciativa.

Todos desejamos a paz, condição essencial para a reconstrução nacional e para o lançamento dos esforços do desenvolvimento económico. Mas a paz tem de ser conquistada.

A paz é construída com o trabalho de cada um de nós, com o engajamento patriótico de todos os moçambicanos. Com a enxada e com a espingarda. Com coragem e com determinação. Com a certeza na vitória.

A todos desejamos boa saúde e sucessos pessoais no ano de 1987.

A Luta Continua!

Muito obrigado.



Joaquim Chissano, Presidente do Partido Frelimo e Presidente da República Popular de Moçambique, dirigindo-se ontem à Nação

defesa da sua soberania contra a agressão externa.

É na perspectiva da preservação e desenvolvimento da unidade regional que o nosso Estado tem procurado, no diálogo com o Governo do Malawi, impedir que este país da SADCC continue a servir de plataforma e base da agressão a Moçambique.

O diálogo com o Malawi visa garantir a segurança dos nossos dois países e evitar que o regime sul-africano transfira, como pretende, o conflito entre a liberdade e o «apartheid» para um confronto interafricano.

Compatriotas,

A superação das nossas dificuldades exige uma acção combinada da defesa da Economia. As Forças Arma-

vêm as matérias-primas para a indústria nacional e para a exportação, bem como os excedentes alimentares para as populações urbanas.

A recuperação do sector agrário permite aproveitar a capacidade instalada da indústria nacional, nomeadamente a ligeira e alimentar.

Mas esta recuperação, por sua vez, exige a reabilitação do nosso parque de equipamento, em particular o rodoviário, e obriga ainda a um esforço para a reparação de estradas e à revisão dos próprios circuitos de comercialização.

O sector ferro-portuário é a outra grande prioridade do programa e a República Popular de Moçambique tudo fará para cumprir as suas obrigações regionais.

Temos de tomar medidas ousadas que libertem a iniciativa criadora da população. É necessário produzir mais riqueza. Não se pode distribuir o que não se produz.

Neste esforço de recuperação, com base no Programa de Reabilitação Económica, devem participar activamente todos os patriotas moçambicanos, operários e camponeses, cooperativistas e produtores familiares, gestores estatais e empresários privados, funcionários públicos e elementos das Forças de Defesa e Segurança.

Sem o esforço, a iniciativa e a dedicação de todos, o nosso programa não terá sucesso.

O Programa de Reabilitação Económica prepara o terreno. Se não trabalharmos, não poderemos colher os frutos.